



Universidades Lusíada

Rainho, Fausto

Arquitetura ao serviço do sagrado e do homem : o caso concreto do Santuário de Fátima

<http://hdl.handle.net/11067/6467>

<https://doi.org/10.34628/h2d4-4028>

Metadados

Data de Publicação

2022

Resumo

Entre os trabalhos mais empolgantes que os arquitetos poderão abraçar estão, muito provavelmente, aqueles em que são desafiados a construir espaço sagrado. As obras mais emblemáticas, mesmo de arquitetos modernos ou contemporâneos são, num significativo número de casos, igrejas, locais de culto ou outros edifícios-equipamento projetados com a finalidade de se configurarem como lugares ao serviço do cuidado espiritual da humanidade e da busca de respostas às inúmeras questões existenciais, intrín...

Tipo

bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-25T02:22:10Z com informação proveniente do Repositório

***ARQUITETURA AO SERVIÇO
DO SAGRADO E DO HOMEM:
O CASO CONCRETO DO SANTUÁRIO DE FÁTIMA***

Fausto Rainho

DOI: <https://doi.org/10.34628/h2d4-4028>

Resumo: Entre os trabalhos mais empolgantes que os arquitetos poderão abraçar estão, muito provavelmente, aqueles em que são desafiados a construir espaço sagrado. As obras mais emblemáticas, mesmo de arquitetos modernos ou contemporâneos são, num significativo número de casos, igrejas, locais de culto ou outros edifícios-equipamento projetados com a finalidade de se configurarem como lugares ao serviço do cuidado espiritual da humanidade e da busca de respostas às inúmeras questões existenciais, intrínsecas ao carácter e à própria existência humanas.

Desde os primórdios da civilização que arquitetura e sagrado traçam caminho conjunto definidor da evolução da espécie humana, caminho esse que nos permite caracterizar a arquitetura como uma permanente interpretação e representação da própria existência, mas que, ainda assim, deixa algumas questões por responder. Porque levantam os homens templos? Porque procuram os homens, tanger o intangível?

A investigação incide sobre o caso concreto do Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima que conta, no seu património arquitetónico, com um conjunto de significativas obras de autores de reconhecida importância e mantém como permanente presença a relação entre o sagrado e o homem e da arquitetura ao serviço destes, partindo dos registos antropológicos e dos diversos habitares que se vão registando através da experiência sensível dos que habitam. Pretende-se, assim, com esta investigação, minimizar a distância para o entendimento do modo como o Homem expressa, através da arquitetura e ao longo dos tempos, a sua relação com o Sagrado, concretamente num percurso arquitetónico inserido no panorama português, ao longo do séc. XX.

Abstract: Among the most exciting jobs that architects will be able to embrace are, most likely, those in which they are challenged to build a sacred space. The most emblematic works, even by modern or contemporary architects, are, in a significant number of cases, churches, places of worship or other equipment-buildings designed with the purpose of being configured as places at the service of the spiritual care of humanity and the search for answers, to the countless existential questions, intrinsic to human character and existence itself.

Therewith, since the dawn of civilization, architecture and the sacred have traced a joint path that defines the evolution of the human species, a path that allows us to characterize architecture as a permanent interpretation and representation of its own existence, but which, even so, leaves some questions unanswered. Reply. Why do men build temples? Why do men seek to touch the intangible?

The investigation focuses on the specific case of this Shrine of Our Lady of the Rosary of Fatima which has, in its architectural legacy, a set of significant works by authors of recognized importance and maintains as a permanent presence the relationship between the sacred and man and architecture at their service, starting from the anthropological records and the different dwellings registered through the sensitive experience of those who inhabit them. Therefore, it is the intention of this investigation to minimize the distance to the understanding of the way in which Man expresses, through architecture and over time, his relationship with the Sacred, specifically in an architectural path inserted in the portuguese panorama, throughout the 20th century.

A arquitetura ao serviço do sagrado e do homem: o caso concreto do Santuário de Fátima

Desde os primórdios da sua existência que o homem, independentemente do seu estado de autoconsciência, estabeleceu, ou procurou estabelecer, relações com o sagrado que, por se configurarem como questões de ordem existencial são, também por isso, questões de ordem antropológica.

Toda a cratofania e toda a hierofania, sem distinção alguma transfiguram o lugar que lhes serviu de teatro: de espaço profano que ele era até então, tal lugar ascende à categoria de espaço sagrado. (Eliade, 1970, p. 435)

Revelações sagradas, independentemente da tipologia, transformam, através do seu acontecimento, não só o ente que as presencia, mas também o local e o momento onde têm lugar, alterando permanentemente as relações de espaço-tempo caracterizadoras da situação onde ocorrem. Assim, o contexto onde ocorrem esses eventos é definitivamente afetado e transformado, quer no tempo, quer no espaço, por esses acontecimentos.

No centro desses acontecimentos transformadores está, assim, a revelação, enquanto relação do homem com uma realidade que o transcende. A revelação enquanto relação de um ser dotado de um determinado grau de autoconsciência – que se configura como a sua realidade visível –, com o transcendente ou sobrenatural – que escapa ao entendimento humano e se mantém como mistério de uma realidade invisível – e, assim, característica do que é religioso.

Por um lado, no respeitante ao tempo, a partir desta e com esta revelação, um ou mais instantes passam a ser recordados, individual ou coletivamente, fazendo memória do momento do seu acontecimento, prolongando no tempo, por repetição ou reinterpretação de gerações sucessivas, uma constante relação entre o passado, o presente e o futuro.

Por outro lado, a partir desta e com esta *revelação*, passa a ser reconhecida, no local do seu acontecimento, uma marca que o transforma, por isso, em lugar. Não obstante essa marca poder ser tangível ou intangível, em torno desse lugar passam a existir, simultaneamente, um espaço e uma paisagem, também eles reveladores. A partir desse momento, à semelhança de outros acontecimentos questionadores da sua existência, revela-se necessário para o homem estabelecer relações vitais com o ambiente circundante e conferir significado e ordem aos acontecimentos e ações. Com isto, conforme afirma Norberg-Schulz (1982, p. 9), o homem regista e constrói uma imagem espacial do mundo.

O processo pelo qual uma imagem espacial pode ser transportada à esfera emotiva é expresso pelo conceito espacial que informa sobre a relação entre o homem e o ambiente circundante. Esta representa assim a expressão espiritual da realidade com que o indivíduo é confrontado. O próprio mundo, de frente a este, sofre por seu intermédio uma transformação. O homem é desafiado a projetar graficamente a sua posição, se quiser estabelecer com este, relação. (Norberg-Schulz, 1982, p. 16).

Assim, independentemente do grau de autoconsciência do ente que vive ou revive a revelação ou até das próprias características da própria revelação, passa a verificar-se a vivência de uma experiência que se configura como sendo da ordem do habitar, estabelecida através de relações existenciais de ordem espaço-temporal que, por esse motivo, passam a ser da ordem da arquitetura.

Habitar é o fundamento da experiência da arquitetura. Não se trata propriamente de uma ação específica ou de um ato isolado, mas antes de um complexo fenómeno existencial que decorre num cenário espaço-temporal. (Roa, 2005 p. 8)

Para Rudolf Otto, um importante teólogo, filósofo e especialista em ciências das religiões, o que define o sagrado não é propriamente o entendimento da existência de um outro estado - o estado de alma - do ser humano, mas antes o reconhecimento da existência de algo que transcende o homem e a sua realidade. De acordo com o autor, a religião constitui-se do que compõem a relação entre o homem e esta entidade transcendente – sagrada - cuja experiência enquadra três aspetos principais: *mysterium tremendum*, *fascinans* e *augustum*;

A sacralização da experiência (a identificação das formas de revelação do divino, a domesticação das forças de sua ação) tem sempre um aspecto que, na esteira de Rudolf Otto, podemos definir como estético (luminoso, feliz, fascinante) e dramático (sombrio, sacrificial, perturbador). (Sequeri, 2003)

Qualquer lugar que seja palco de um acontecimento de revelação transcendental, assume, a partir desse momento, a condição de lugar sagrado. Acontecimentos cratofânicos¹ e hierofânicos² têm a capacidade de transfigurar esses lugares, elevando-os, de acordo com Eliade (1970, p. 435), à categoria de espaço sagrado.

A paisagem que configura esse lugar e que conforma esse espaço sagrado assume, assim, uma significação concordante com o acontecimento que transfigura o lugar. Contudo, essa significação vai muito além da paisagem que ali se apresenta: porque a paisagem que ali se apresenta, carrega em si o mito e a história humana.

Entre os indígenas, nunca o lugar sagrado se apresenta isoladamente ao espírito. Ele faz sempre parte de um complexo em que entram também as espécies vegetais ou animais que aí abundam em certas estações, os heróis míticos que aí viveram, vaguearam, criaram e frequentemente foram incorporados no solo, as cerimónias que aí se celebraram periodicamente e, enfim, as emoções suscitadas por este conjunto (Lévy-Bruhl)

Desta análise resulta claro que a relação espaço-tempo é essencial no entendimento das paisagens e lugares sagrados e que, somada ao anacronismo da história da própria humanidade, se revela também essencial na configuração do espaço arquitetónico.

Ainda no âmbito da reflexão antropológico-existencial parece-nos essencial considerar a contribuição da obra de Heidegger, em especial o seu ensaio “Construir, habitar, pensar” no qual, embora o autor afirme “que não apresenta, de modo algum, o construir a partir da arquitetura e das técnicas de construção, investiga, bem ao contrário, o construir para reconduzi-lo ao âmbito a que pertence aquilo que é” e, portanto, reflexão significativa para o entendimento da questão existencial e, sobretudo, para o entendimento

1 Qualquer lugar que seja palco de um acontecimento de revelação transcendental, assume, a partir desse momento, a condição de lugar sagrado. Acontecimentos cratofânicos e hierofânicos têm a capacidade de transfigurar esses lugares, elevando-os, de acordo com Eliade (1970, p.435), à categoria de espaço sagrado.

2 Hierofania (do grego hieros (ἱερός) = sagrado e faneia (φαίνειν) = manifesto) pode ser definido como o ato de manifestação do sagrado.

do modo de “construir, habitar, pensar” o espaço ao serviço do sagrado e do homem. (Heidegger, 1951)

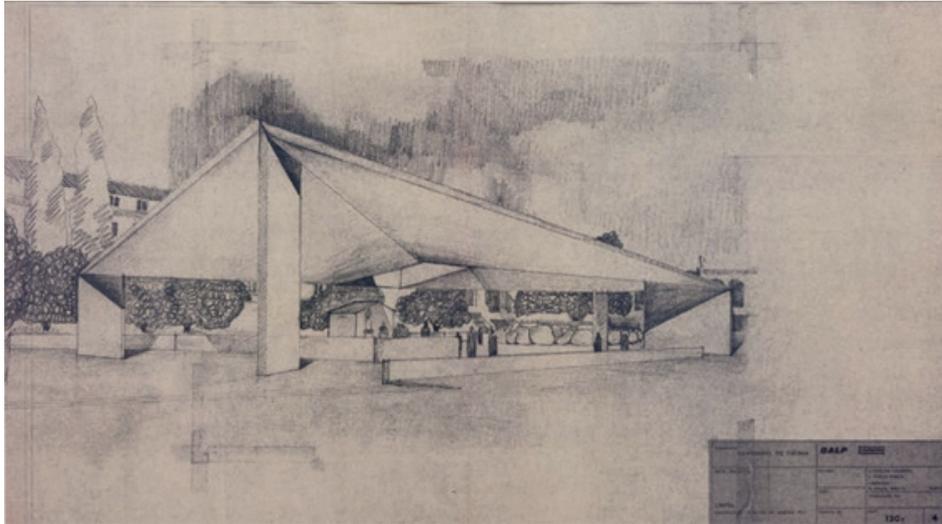


Ilustração 1 - Capelinha das Aparições (J. Carlos Loureiro, Arquitecto, 2012)

Um outro tema que nos parece importante trazer a lume é a relação entre o sagrado e o sublime. À primeira vista, poderíamos afirmar que sagrado e sublime se encontrariam em planos opostos do pensamento: enquanto o sagrado se encontra num plano em que prevalece o “desprendimento” do mundo físico, assente num enquadramento do mundo metafísico - porque resultante da relação com o transcendental -, o sublime configura-se como sendo da ordem da estética e, por isso, uma categoria que não se desliga da observação e da imagem dos objetos, permanecendo, por isso, intrinsecamente ligado a estes.

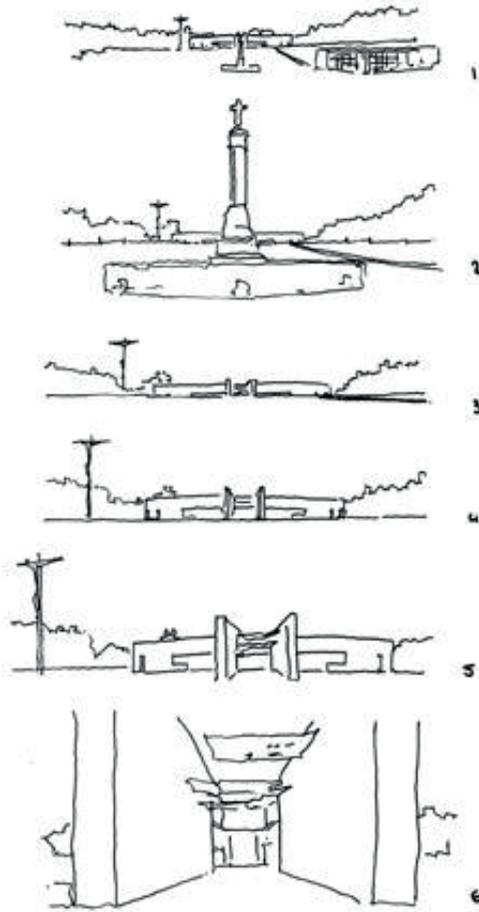


Ilustração 2 - Alexandros Tombazis – recinto e Igreja da Santíssima Trindade
(Wallpaper, 2010)

Essa analogia, resulta provavelmente do poder que o sublime impõe sobre o ser. Do poder que a vastidão e a infinitude subliminares impõem à pequenez em que o ente se encontra perante o que entende como sublime. Sente-se, o ente, impotente perante a dimensão do que entende como sublime, tal como se sente, o ente, impotente perante a dimensão do que entende como sagrado. Imaginemos uma paisagem arrebatadora: o ser assume-se como impotente perante o magistral poder dessa paisagem. Nesse sentido o sentimento poderá assemelhar-se ao temor do sagrado.

Aos lugares sagrados, para além de inúmeras características específicas, estão geralmente associadas duas realidades que não podem deixar de ser tidas em conta no seu estudo: a peregrinação e os rituais sagrados, ou a liturgia.

No caso da peregrinação, esta configura-se como uma experiência da ordem do habitar que começa no lugar da própria casa e que tem como objetivo alcançar o lugar a que se propõe chegar: o lugar sagrado, a meta da peregrinação. Assim, a própria peregrinação é também uma experiência espacial que estabelece uma relação entre o lugar habitado, os caminhos percorridos e o lugar a habitar.

No caso da Liturgia, também esta se configura como uma experiência da ordem do habitar, cujo ritual, sempre impregnado de simbologia celebrativa, acontece em lugares que a arquitetura coloca ao serviço das necessidades práticas de cada ação do ato religioso. Desde o altar, representação do lugar onde Cristo tomou a Última Ceia, ao lugar da palavra, de onde se anuncia a Palavra de Deus, cada lugar tem uma função específica simbólica e, por isso, significativa, para a assembleia aí reunida e que se configura como a própria Igreja.

«o edifício sagrado, na sua disposição geral, deve, de algum modo, reproduzir a imagem da assembleia congregada, permitir a conveniente coordenação de todos os seus membros e facilitar o perfeito desempenho da função de cada um» (IGMR 257 [294]).

O Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, na Cova da Iria, surge do pedido que a Virgem Maria terá feito aos três Pastorinhos (Lúcia, Francisco e Jacinta), em 13 de outubro de 1917, data em que Nossa Senhora terá dito, segundo o relato de Lúcia de Jesus, que se construísse ali, no lugar da revelação, uma capela em Sua honra. Essa revelação transformou, a partir do seu acontecimento, aquele lugar da Cova da Iria. A esse pedido, concretizado com a construção da Capelinha das Aparições em 1919, têm sido associados outros pedidos, que resultam das necessidades práticas que surgem em cada época e, com isso, tem sido dada continuidade à construção de um lugar-santuário que se vai configurando ao serviço do sagrado e do homem.

A autoconcepção de Igreja e de comunidade das diferentes épocas reflecte-se nos diferentes tipos de edifícios eclesiais da história. Enquanto inicialmente predomina o motivo da assembleia reunida, nos séculos seguintes, de estreita ligação entre Igreja e Império Romano, na liturgia e no espaço litúrgico é representada o cosmos hierarquicamente ordenado da Igreja imperial romana. E de forma clara. “é na Idade Média que, apesar da extraordinária beleza artística exterior das igrejas de aldeias e de cidades, das catedrais e mosteiros, é inegável o desaparecimento da assembleia litúrgica, determinada por particularismos feudais e corporativos, através da separação entre clero e povo e da perspectiva de salvação individualista dos crentes” (J.H. Emminghaus).

Assim, abreviando a cronologia da sua construção e numa análise mais ampla, torna-se possível a identificação de arquétipos, enquanto estruturas concetuais caracterizadoras de uma cultura, interpretadas pela traça e pelo contexto de cada arquiteto – da sua intenção – que a cada momento foi chamado a intervir, bem como a respetiva transposição para a realidade construída da qual resulta o conjunto que é o próprio Santuário.

E se a realidade é construída em função das necessidades práticas que surgem em cada época, não é menos verdade que a realidade construída se transforma, ela própria, num imago mundi, tal é a importância que este lugar construído assume para a humanidade e para a sua história.

O próprio lugar-santuário se transforma num lugar-percurso-meta, porque se revela como meta de um percurso-peregrinação dos que aí peregrinam, numa perspetiva mais ampla, e por outro lado, porque o mesmo lugar-santuário se configura como meta de uma sociedade que toma em consideração o percurso e as metas preexistentes. Nesse sentido, o lugar-santuário configura-se, ele próprio, como um imago mundi e, conseqüentemente, como uma imagem partilhada de um entendimento do mundo, porque torna visível um mundo.

A obra de arquitetura tem assim uma natureza bivalente: deve poder colocar o espaço à disposição, para que assim a vida possa ter lugar, e deve apresentar o mundo como imagem construída, para que assim a vida possa ter a sua medida e o seu significado. A segunda componente é a verdadeira dimensão artística da arquitetura. O significado da imagem construída consiste no modo em que esta se encontra entre o céu e a terra. (Norberg-Schulz, 1992, p. 46)

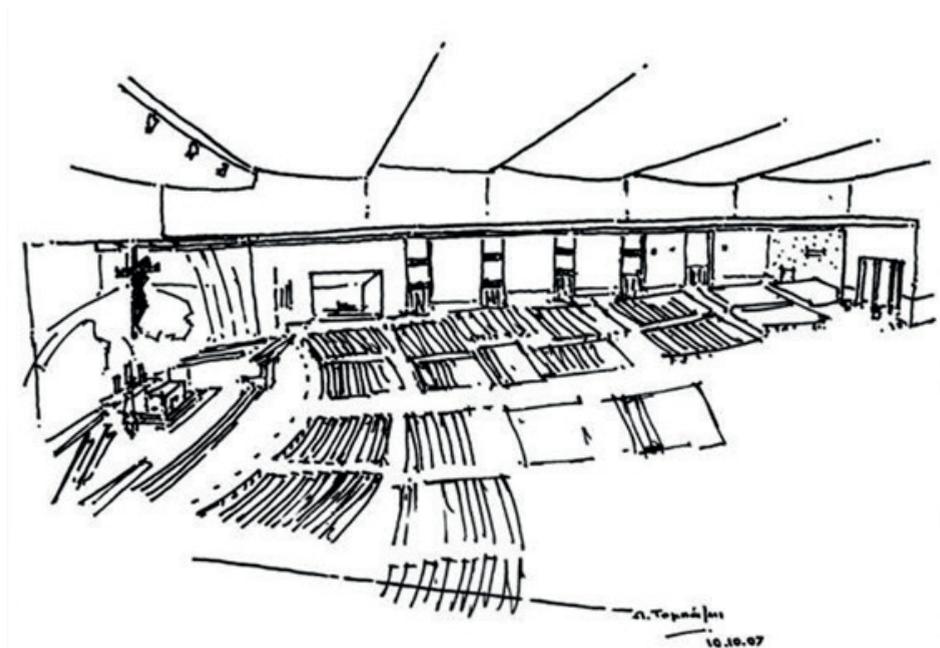


Ilustração 3 - Alexandros Tombazis – Igreja da Santíssima Trindade (Wallpaper, 2010)

Será, muito provavelmente, este *imago mundi*, do mundo que ali, naquele lugar, se torna visível, que passando a ser partilhado e incorporado por uma civilização e perpassando para o próprio lugar a história daqueles que a partilham, permite que o próprio lugar passe a incorporar essa imagem.

Embora a paisagem natural da Cova da Iria - à época dos acontecimentos fundantes, uma depressão pedregosa e longínqua - se pudesse configurar como um vale misterioso capaz de incorporar uma significativa carga simbólica, a edificação do santuário, embora não tenha apagado o lugar original, transformou indelevelmente a configuração dessa paisagem natural. Contudo, a carga simbólica do santuário edificado

não apagou a significativa carga simbólica daquele lugar, configurando-se assim, como um *genius loci* edificado.

Tal revela-se possível porque o conjunto edificado, resultado da traça de diversos autores ao longo de quase um século, possibilita habitar o espaço contínuo e com isso o continuum do tempo, possibilitando que o tempo se mantenha imóvel e sob custódia, conforme afirma Pallasmaa (2011, p. 49).

E tal só é possível porque cada arquiteto traz consigo todo o seu tempo e toda a sua humanidade e, com isso, redesenha ou re-apresenta a história da humanidade. Cada arquiteto traz consigo a tradição, e com isso a permanência do espaço e tempo novo, do que poderá acontecer. Com isto, traz um ordenamento do tempo e do espaço.

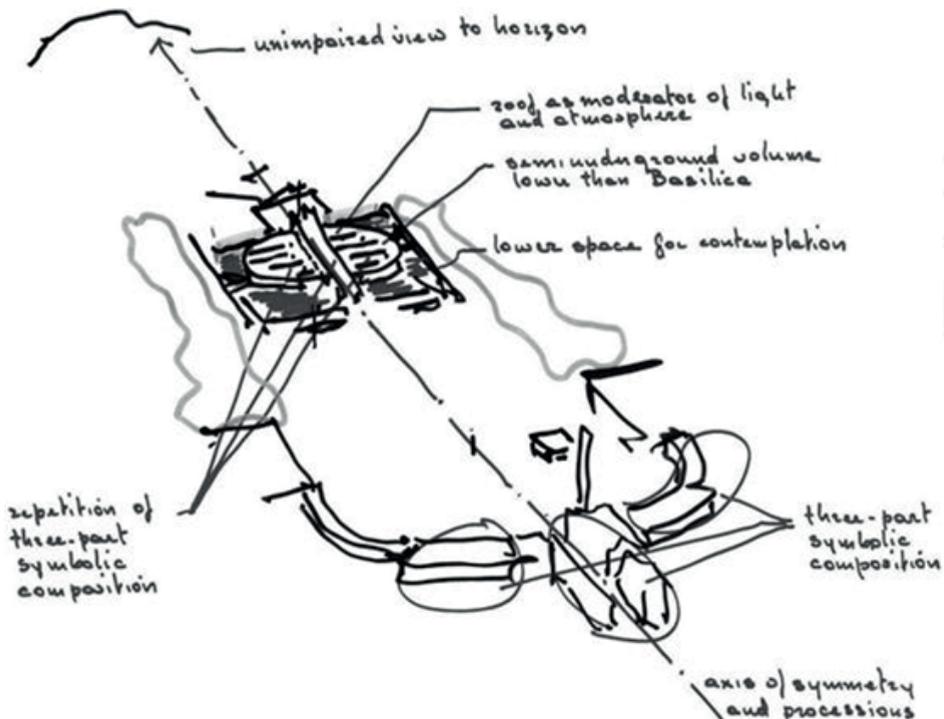


Ilustração 4 - Alexandros Tombazis - eixo de simetria e das procissões
(Wallpaper, 2010)

Nesta permanente re-apresentação, o lugar original nunca é totalmente apagado e o lugar que se constrói deixa espaço para a uma nova consumação e assim, num constante redesenhar das imagens previamente construídas, o lugar-santuário é um constante palimpsesto. Redesenho este que, resultado das múltiplas situações de interação social assume diferentes papéis e significados, comportando-se segundo códigos distintos, em cada um desses momentos produzindo, de acordo com Ascher (2011, p. 47), um particular sentido de si.

Nesta hipertextualidade, as obras que vão sendo habitadas, nunca estão permanentemente concluídas, porque se vão concretizando na medida em que são pensadas, construídas e habitadas, segundo uma anacrônica linearidade.

Esta anacrônica e linear realidade torna-se possível através da persistência dos poetas que têm transformado aquele lugar num lugar-santuário que, embora pertencente a uma realidade de espaço-tempo finita, se torna presença do infinito que o habita.

Por vezes perguntam-me o que queria alcançar quando iniciei esta construção. Sempre que possível, o que tento fazer é poesia. Sejam esculturas, edifícios ou espaços, o que me interessa é que o resultado seja da ordem da poesia, que me parece ser a medida de todas as coisas. (Corberó, 2015)

Torna-se assim claro que a essência da arquitetura, pese embora a importância da sua teorização, se revela essencialmente quando o ser a enfrenta, a vive, a sente e a experiencia. Somente aí, e apesar de toda a teorização, se pode entender a ordem poética da arquitetura, e através desta, o encontro com a significação da própria existência.

Como sempre faço, queria que houvesse um lugar de onde praticamente tudo pudesse ser visto, para criar, na medida do possível, um contínuo. Um lugar onde o espaço mental, não o real, é o que importa. (...) Para além disso, da minha experiência, quando algo está bem, na sua escala, a música soa bem. (...) O que tento fazer não surge da razão. Vem da própria vida. Uso a razão para construir as coisas, para que se aguentem, mas as razões por trás de todo o resto são estéticas, éticas e, se preferir, divinas. (Corberó, 2015)

Não obstante a conclusão a que possamos chegar, não poderemos ignorar a atualidade do fenómeno religioso cuja realidade se apresenta em moldes bem distintos da que se verificou até finais do século passado. Se, por um lado, os próprios rituais religiosos se vão apresentar distintos, porque celebrados por gerações distintas, por outro lado, o espaço alcançado por esse fenómeno religioso se revela distintamente do que se tornara comum.

A velocidade a que se vive hoje não é a mesma que se nos apresentava há duas ou três décadas atrás. A velocidade a que se vive hoje, resultante da aceleração dos meios de transporte e das vias de comunicação, físicos ou virtuais, conflitua com a tranquilidade necessária à experiência dos lugares e impossibilita, não só a vivência do percurso e do tempo da peregrinação, mas também do próprio habitar.

Pode, este tempo, ser tempo e desafio para os lugares-santuário, no sentido de que estes se reinventem e respondam perante a história com a permanência do pensamento e da sua poesia, como sempre fizeram, para que não deixem de se constituir como verdadeiros lugares sagrados ao serviço da humanidade, imago mundi e imago dei, verdadeiros lugares de encontro com o habitar.